Sobre Askeladden, que roubou os patos de prata, a colcha e a harpa de ouro do troll

Peter Christen Asbjørnsen e Jørgen Engebretsen Moe

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Era uma vez um homem pobre que tinha três filhos. Quando ele morreu, os dois filhos mais velhos iam sair pelo mundo para tentar a sorte, mas não queriam de jeito nenhum levar o mais novo. “Você, hein!” — diziam —, “você não serve para outra coisa senão ficar sentado remexendo nas cinzas.” “Então acho que vou ter de ir sozinho”, disse Askepot. Os dois partiram e chegaram à propriedade do rei; ali conseguiram emprego, um com o mestre das cavalariças e o outro com o jardineiro. Askepot também partiu e levou consigo uma grande masseira, que era a única coisa que restara dos pais, mas à qual os outros dois não davam importância. Era pesada de carregar, mas ele não queria deixá-la para trás; — e, depois de caminhar algum tempo, também chegou à propriedade do rei e pediu emprego. Responderam que não precisavam dele, mas, como pediu com tanta gentileza e tanto empenho, por fim permitiram que ficasse na cozinha e levasse lenha e água para a ajudante de cozinha.

Ele era trabalhador e hábil, e não demorou para que todos gostassem muito dele; — os outros dois, porém, eram preguiçosos e, por isso, muitas vezes levavam pancadas e recebiam pouco pagamento. Ficaram então com inveja de Askepot, ao verem que ele se saía melhor.

Em frente à propriedade do rei, do outro lado de um lago, morava um troll que tinha sete patos de prata. Eles nadavam pelo lago, de modo que era possível vê-los da propriedade real. O rei muitas vezes desejara tê-los, e por isso os dois irmãos disseram ao mestre das cavalariças: "Se nosso irmão quisesse, ele disse que seria capaz de conseguir para o rei os sete patos de prata." É fácil imaginar que não demorou para o mestre das cavalariças contar aquilo ao rei. Este mandou chamar Askepot e disse: "Seus irmãos contam que você pode me conseguir os patos de prata, e agora vai fazer isso." "Nunca pensei nem disse tal coisa", respondeu o rapaz. "Você disse", insistiu o rei, "e vai fazer!" "Está bem, está bem!", disse o rapaz. "Já que não pode ser de outro jeito, dê-me um kvarter de centeio e um kvarter de trigo, e vou tentar." Recebeu o que pedira, pôs os grãos na masseira que trouxera de casa e atravessou o lago remando nela. Quando chegou ao outro lado, começou a andar pela margem, espalhando grãos e mais grãos, até que conseguiu atrair os patos para dentro da masseira. Então remou de volta o mais depressa que pôde.

Quando estava no meio do lago, o troll saiu e o avistou. "Foi você que levou meus sete patos de prata?", gritou ele. "Siiim!", disse o rapaz. "Você vai voltar outras vezes?", perguntou o troll. "Pode ser", disse o rapaz.

— Quando voltou ao rei com os sete patos de prata, ficou ainda mais querido na propriedade real, e o próprio rei disse que ele fizera um bom trabalho. — Mas isso deixou seus irmãos ainda mais zangados e invejosos. Inventaram então de dizer ao mestre das cavalariças que agora ele afirmara ser capaz de conseguir para o rei a colcha do troll, com um quadrado de prata e um quadrado de ouro, e um quadrado de prata e um quadrado de ouro, bastava querer. Também dessa vez o mestre das cavalariças não demorou a contar ao rei. Por isso, o rei disse ao rapaz que seus irmãos tinham contado que ele se dizia capaz de conseguir a colcha do troll, com os quadrados de prata e de

ouro, e que agora teria de fazê-lo, ou perderia a vida. Askepot respondeu que nunca pensara nem dissera tal coisa, mas, como isso de nada adiantou, pediu três dias para pensar. Quando os dias passaram, atravessou outra vez na masseira e ficou andando de um lado para o outro, à espreita. Por fim, viu que os moradores da montanha tinham pendurado a colcha do lado de fora para arejá-la. Quando eles já estavam bem para dentro da montanha, Askepot apanhou a colcha e remou de volta o mais depressa que pôde. Quando estava no meio do lago, o troll saiu e o avistou. “Foi você que pegou meus sete patos de prata?”, gritou o troll. “Siiim!”, disse o rapaz. “Agora você pegou também minha colcha, com um quadrado de prata e um quadrado de ouro e um quadrado de prata e um quadrado de ouro?” “Siiim!”, disse o rapaz. “Você vai voltar outras vezes?” “Pode ser”, disse o rapaz. Quando voltou com a colcha de ouro e prata, todos gostaram ainda mais dele, e ele se tornou criado do próprio rei. Isso deixou os outros dois ainda mais furiosos e, para se vingarem, inventaram de dizer ao mestre das cavalariças: “Agora nosso irmão disse que seria capaz de conseguir para o rei a harpa de ouro que o troll tem, que faz com que todos fiquem alegres ao ouvi-la tocar, por mais tristes que estejam.” Pois o mestre das cavalariças contou imediatamente aquilo ao rei, e este disse ao rapaz: “Se você disse isso, vai ter de fazê-lo. Se conseguir, terá a princesa e metade do reino, mas, se não conseguir, perderá a vida.” “Nunca pensei nem disse tal coisa”, respondeu o rapaz, “mas acho que não há outro remédio, vou ter de tentar. Quero, porém, seis dias para pensar.” Sim, ele teria esses dias, mas, quando passaram, teve de partir. Pôs no bolso um prego, uma varetinha de bétula e um toco de vela, atravessou o lago remando e ficou do lado de fora, indo e vindo às escondidas. Quando o troll saiu, avistou-o. “Foi você que pegou meus sete patos de prata?”, gritou o troll. “Siiim!”, respondeu o rapaz. “E foi você que pegou também minha colcha, com os quadrados de prata e de ouro?”, perguntou o troll. “Siiim!”, disse o rapaz. Então o troll o agarrou e o levou para dentro da montanha. “Agora, minha filha”, disse ele,

“peguei quem levou meus patos de prata e minha colcha com os quadrados de prata e de ouro. Ponha-o no curral de engorda, que vamos abatê-lo e convidar nossos amigos.” Ela concordou imediatamente e o pôs no curral de engorda. Ele ficou ali oito dias e recebeu tudo do melhor que podia desejar de comida e bebida, e tanto quanto quisesse.

Quando os oito dias passaram, o troll disse à filha que descesse e fizesse um corte no dedo mínimo dele, para verem se estava gordo. Ela desceu ao curral de engorda. “Dê cá seu dedo mínimo!”, disse, mas Askepot estendeu o prego, e ela fez um corte nele. “Ah, não! Ainda está duro como ferro”, disse a filha do troll ao voltar para junto do pai. “Ainda não podemos pegá-lo!” Oito dias depois aconteceu a mesma coisa, com a diferença de que Askepot apresentou a varetinha de bétula. “Está um pouco melhor”, disse ela, ao voltar para junto do troll, “mas ainda seria duro de mastigar como madeira.” Oito dias depois, porém, o troll voltou a dizer à filha que descesse para ver se agora ele estava gordo. “Dê cá seu dedo mínimo!”, disse a filha do troll ao chegar ao curral de engorda; dessa vez Askepot apresentou o toco de vela. “Agora ele serve!”, disse ela. “Ah, então!”, disse o troll. “Vou sair para convidar o pessoal para o banquete; enquanto isso, você deve abatê-lo e assar metade e cozinhar metade!” Assim que o troll partiu, a filha começou a afiar uma faca grande e comprida. “Vai usar essa faca para me abater?”, perguntou o rapaz. “Vou, sim!”, disse a filha do troll. “Mas ela não está afiada”, disse o rapaz. “Acho que vou ter de afiá-la, para você poder tirar minha vida com mais facilidade.” Ela lhe entregou a faca, e ele começou a amolá-la e afiá-la. “Agora deixe-me experimentá-la na sua trança”, disse o rapaz. “Acho que já está boa.” Ela permitiu, mas, no mesmo instante em que ele agarrou a trança, inclinou-lhe a cabeça para trás e a cortou fora; — depois cozinhou metade da filha do troll, assou a outra metade e pôs tudo na mesa. Em seguida, vestiu as roupas dela e foi se sentar num canto. Quando o troll voltou com os convidados do

banquete, chamou a filha — pois achava que era ela, achava — para que também viesse comer. “Não”, respondeu o rapaz, “não quero comida, estou tão amuada e triste.” “Ah, você sabe como resolver isso”, disse o troll, “pegue a harpa de ouro e toque!” “Pois é, mas onde ela está?”, perguntou o rapaz. “Você bem sabe, você mesma foi quem a usou por último; está pendurada ali em cima da porta!” O rapaz não esperou que lhe dissessem duas vezes: pegou a harpa e ficou entrando e saindo, tocando; mas, de repente, empurrou a masseira para a água e partiu remando, fazendo a água espumar ao redor dela. Algum tempo depois, o troll achou que a filha demorava demais lá fora e foi atrás dela para ver o que lhe faltava. Então avistou o rapaz na masseira, longe, muito longe no lago. “Foi você que pegou meus sete patos de prata?”, gritou o troll. “Sim”, disse o rapaz. “E foi você que pegou também minha colcha, com um quadrado de prata e um quadrado de ouro?” “Sim”, disse o rapaz. “Agora você levou também minha harpa de ouro?”, berrou o troll. “Sim, acho que levei”, disse o rapaz. “Mas eu não comi você, afinal?” “Não, foi sua filha que você comeu!”, respondeu o rapaz. Quando o troll ouviu aquilo, ficou tão furioso que estourou. Askepot então remou de volta e levou consigo um monte de ouro e prata, tanto quanto a masseira podia carregar. Quando chegou à propriedade real com a harpa de ouro, recebeu a filha do rei e metade do reino, como o rei lhe prometera; — tratou bem os irmãos, pois acreditava que eles só tinham querido o seu bem com o que haviam dito.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Codex · tradução assistida por IA
Produção: Bons Filhos Educação
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/askeladden-patos-prata-colcha-harpa-ouro-asbjornsen-moe